

IDENTIDADES E AUTORREPRESENTAÇÃO ARTÍSTICA CONTEMPORÂNEA

CONTEMPORARY ARTISTIC IDENTITIES AND SELF-REPRESENTATION

Recebido em: 29/07/2023

Aceito em: 23/08/2023

Fabiana Lopes de Souza¹ 

Maristani Polidori Zamperetti² 

Resumo: Este texto parte de uma pesquisa bibliográfica que reflete sobre o processo de construção de identidades, em meio às inter-relações que estabelecemos na sociedade da informação e das tecnologias digitais, as quais possibilitam a modificação e transformação constante de identidades. A autorrepresentação artística, no contexto contemporâneo, é uma maneira de questionar as identidades, demonstrando um não reconhecimento, deixando de ser apenas uma mera representação de características físicas da/o artista. A fundamentação teórica é pautada no referencial de Hall (2005) sobre a identidade na pós-modernidade e nas produções de três artistas contemporâneos/os, Keila Alaver, Albano Afonso e Cyndi Sherman. Desse modo, a representação de si mesmo/a é uma forma de demonstrar que as identidades se modificam, visto que contemporaneamente vivemos imersos em uma infinidade de informações midiáticas.

Palavras-chave: Identidade; Autorrepresentação; Arte Contemporânea.

Abstract: This text is based on a bibliographical research that reflects on the process of construction of identities, in the midst of the interrelationships that we establish in the information society and digital technologies, which enable the constant modification and transformation of identities. Artistic self-representation, in the contemporary context, is a way of questioning identities, demonstrating non-recognition, ceasing to be just a mere representation of the artist's physical characteristics. The theoretical foundation is based on Hall (2005) reference on identity in post-modernity and on the productions of three contemporary artists, Keila Alaver, Albano Afonso and Cyndi Sherman. In this way, the representation of oneself is a way of demonstrating that identities change, since we are currently immersed in an infinity of media information.

Keyword: Identity; Self-representation; Contemporary art.

INTRODUÇÃO

O indivíduo constrói sua identidade através de informações, experiências e das inter-relações com os outros. De acordo com Medeiros, [...] identidade significa um conjunto de critérios de definição de um indivíduo

e um sentimento interno composto de diferentes sensações, tais como sentimento de unidade, de coerência, de pertencimento, de valor, de autonomia e de confiança. Esses diferentes ingredientes afetivos e cognitivos representam os processos internos através dos quais o psiquismo organiza todas as informações que ele recebe em um todo coerente (MEDEIROS, 2008, p. 34).

¹ Doutora em Educação pela Universidade Federal de Pelotas, UFPEL. E-mail: fabiana.lopess2013@gmail.com

² Doutora em Educação pela Universidade Federal de Pelotas, UFPEL. E-mail: maristaniz@hotmail.com

O processo de identidade se dá através das vivências de cada pessoa em seu meio social: família, escola, amigos, entre outros grupos. Segundo Medeiros, as marcas de semelhanças “colhidas nas categorias e grupos de pertencimento vêm a ser condição indispensável à construção da identidade individual. O comportamento individual não pode ser, portanto, entendido sem que seja levado em conta o comportamento coletivo” (MEDEIROS, 2008, p. 43).

A construção da identidade é diretamente relacionada com a vida em sociedade envolvendo crenças, valores e representações em um processo de identificação com um grupo.

Para Hernández, indivíduos que nascem em uma mesma cultura, aprendem e constroem comportamentos e atitudes afins. “A identidade é dada culturalmente e se apresenta como naturalizada e estável, oferecendo elementos de discriminação em relação a grupos com afinidades de gênero, etnia, religião ou pátria” (HERNÁNDEZ, 2007, p. 72).

O excesso de informações e o consumo de produtos é um dos fatores que age diretamente nas possíveis mudanças que ocorrem na construção de identidade de uma pessoa, a qual se dá através de um processo de formação contínua, ao longo do tempo e das experiências adquiridas.

Kaminski (2010) afirma que os valores conceituais dos produtos adquiridos são transferidos para quem os consome e, conseqüentemente, julgados pelos demais integrantes sociais, diferenciando assim um sujeito do outro e criando uma identidade cultural e uma individualidade mascarada. Levando em consideração o processo apontado pela autora, ocorre a inclusão e exclusão dos indivíduos em determinados grupos sociais, baseada em referências escolhidas para a diferenciação entre as pessoas.

A produção de identidades acontece “a partir de um processo relacional em que se demarcam as diferenças” (GIOIELLI, 2005, p. 45). Ou seja, não existe um ideal de identidade, a diferença entre os sujeitos é necessária para a construção identitária.

A identidade muda conforme o indivíduo é representado, Hall (2005) apresenta três concepções de sujeito e suas identidades conforme um processo de transformação sócio-histórica: o sujeito do iluminismo, o sujeito sociológico e o sujeito pós-moderno.

O sujeito do iluminismo baseava-se na concepção da pessoa humana como totalmente centrada, unificada.

O sujeito sociológico é formado através da relação com outras pessoas e, à medida que o mundo moderno se tornava mais complexo, emergia a consciência de que essa essência interior do sujeito – que determinava sua identidade – inexistia. A identidade é formada na interação entre o sujeito e a sociedade, passa a ser definida historicamente e não biologicamente.

O terceiro sujeito é o pós-moderno, que não tem uma identidade fixa, assume “identidades diferentes em diferentes momentos”, passa por um processo de fragmentação.

Com o surgimento da globalização e o processo de descentralização das identidades (crise de identidade), as sociedades pós-modernas começaram a passar por mudanças constantemente, o que as difere do passado, das sociedades tradicionais.

Nas sociedades tradicionais o passado é venerado e os símbolos são valorizados porque contêm e perpetuam a experiência das gerações. A tradição é um meio de lidar com o tempo e o espaço, inserindo qualquer atividade ou experiência particular na continuidade do passado, presente e futuro, os quais por sua vez, são estruturados por práticas sociais recorrentes (GIDDENS, 1990 apud HALL, 2005, p. 15).

A pós-modernidade é caracterizada pelas mudanças sociais, pelas identidades que não são fixas e sim fragmentadas, e pelas diferentes formas de viver.

Hall (2005) afirma que a fragmentação das identidades se constituiu por meio de mudanças de pensamento, com avanços teóricos, ocorridas na segunda metade do século XX. Foram cinco avanços nas teorias, os quais são chamados de descentramentos: o pensamento marxista, a descoberta do inconsciente de Freud, o trabalho do linguista Ferdinand de Saussure, o trabalho do filósofo e historiador Michel Foucault e o movimento feminista. Os cinco descentramentos apontados por Hall mapeiam as mudanças e rupturas no pensamento das pessoas e na construção de suas identidades na pós-modernidade que passam a ser fragmentadas e mutáveis, mas que antes disso, no período do Iluminismo, a concepção era de identidades fixas e unificadas.

É importante ressaltar que um dos mecanismos de identificação e de pertencimento de uma pessoa é a sua nacionalidade. A cultura nacional produz sentidos e contribui na construção de identidades.

As culturas nacionais são compostas não apenas de instituições culturais, mas também de símbolos e representações. Uma cultura nacional é um discurso- um modo de construir sentidos que influencia e organiza nossas ações quanto à concepção que temos de nós mesmos (HALL, 2005, p. 50).

Embora a cultura nacional seja a responsável pelas concepções de um sujeito, estas acabam se deslocando diante dos processos de socialização e de globalização dos meios de comunicação e informação. “Colocadas acima do nível de cultura nacional, as identificações ‘globais’ começam a deslocar e, algumas vezes, a apagar, as identidades nacionais” (HALL, 2005, p. 73, grifos do autor).

O mundo contemporâneo é intensamente marcado por imagens, objetos e produtos de consumo, estes por sua vez atraem e chamam a atenção de crianças, adolescentes e adultos que acabam passando por um processo de identificação com esses artefatos.

De acordo com Hall, quanto mais a vida social se torna mediada pelo mercado global de estilos,

lugares e imagens, pelas viagens internacionais, pelas imagens da mídia e pelos sistemas de comunicação globalmente interligados, mais as identidades se tornam desvinculadas desalojadas de tempos, lugares, histórias e tradições específicos e parecem “flutuar livremente” (2005, p. 75).

Objetos e artefatos visuais estão diretamente ligados à formação identitária de adultos, adolescentes e crianças cuja influência para a obtenção desses objetos e artefatos é estimulada diariamente através de anúncios, propagandas e outros meios de comunicação passando a fazer parte da vida das pessoas. A identidade do sujeito é constituída a partir

das suas relações com o meio que o cerca. Nessa vertente, o consumo está presente diariamente, integrando-se nesse ciclo. Valendo disso, as marcas constroem suas identidades de acordo com que o consumidor almeja, a fim de complementá-lo (KAMINSKI, 2010, p. 38).

As pessoas estabelecem relações com as imagens presentes em seu cotidiano, formando suas identidades através das influências que estas visualidades lhes causam.

Hernández (2007, p. 72) aborda a importância do contexto no qual se está inserido e a formação de identidade, pois para o autor, o contexto “[...] é o que faz com que se produza um discurso, entendido como formas de falar, de ver, de pensar e comportar-se que tornam possível reconhecer-se e ser reconhecido pelos outros”.

Nossas identidades vão se constituindo por intermédio das interrelações que estabelecemos com os outros, além disso, estamos inseridos numa sociedade da informação e

das novas tecnologias, na qual nossas identidades se modificam e se transformam constantemente, abalando a ideia que temos de nós mesmos.

Em meio às mudanças e transformações sociais, aos processos de globalização e aos descentramentos das identidades ou crise de identidades, vários artistas contemporâneos passaram a se representar de forma a causar um “estranhamento”. A autoimagem contemporânea

não se constrói como mera representação narcísica. Ao contrário, se ela se mantém como uma forma de reivindicar identidade, seu foco está na produção de um estranhamento, uma sensação de incomodo - aquela remanescente à sensação de se olhar no espelho e não se reconhecer. Essas emoções estão ligadas à situação do ser humano contemporâneo, inserido numa sociedade de informação eletrônica e virtual, pressionado pela mídia, sufocado pelas imposições velozes do tempo e espaço que se configuram na realidade cotidiana das cidades (CANTON, 2001, p. 68).

A autorrepresentação artística, no contexto contemporâneo, começa a aparecer como uma maneira de questionar as identidades, demonstrando um não reconhecimento; e deixando de ser apenas uma mera representação de características físicas por parte do artista.

Este texto parte de uma pesquisa bibliográfica que reflete sobre o processo de construção de identidades, em meio às inter-relações que estabelecemos na sociedade da informação e das tecnologias digitais, as quais possibilitam a modificação e transformação constante de identidades. A autorrepresentação artística, no contexto contemporâneo, é uma maneira de questionar as identidades, demonstrando um não reconhecimento, deixando de ser apenas uma mera representação de características físicas da/o artista. Para tanto são apresentadas imagens de obras de arte contemporâneas, buscando ampliar a discussão acerca da temática.

RETRATO E AUTORRETRATO NA ARTE CONTEMPORÂNEA

No período da pré-história, homens e mulheres deixavam marcas de suas mãos nas paredes das cavernas, como uma maneira de identificação. Eles também tinham a intenção de deixar essas formas registradas nestes locais protegidos para durarem no tempo. Já no Renascimento, período entre os séculos XV e XVII, o retrato foi muito utilizado nas pinturas para registrar pessoas da nobreza e burguesia, visto que não existia a fotografia. Além disso, os artistas começaram a pintar também seus próprios rostos, o que é chamado de autorretrato (KATIA CANTON, 2001; 2013). Segundo a autora, “o autorretrato é o espelho de artista. Ali

se reflete a própria imagem, assim como a imagem da arte e de um determinado contexto em que a obra se inscreve” (KATIA CANTON, 2001, p. 68).

Na contemporaneidade, a representação de si mesmo é uma forma de demonstrar uma identidade que é instável, que se modifica, visto que vivemos num mundo repleto por informações midiáticas que nos invadem e nos afetam diariamente. “A arte ganhou a possibilidade de se expressar por vários meios. E hoje pode estar em toda a parte. Os artistas contemporâneos compreenderam isso e passaram a brincar com suas próprias imagens com extrema liberdade” (CANTON, 2013, p. 39).

Katia Canton (2001; 2013) apresenta alguns artistas contemporâneos que trabalham com o tema autorretrato, utilizando diversos tipos de materiais, como também maneiras de se autorrepresentar, utilizando fotografias, esculturas, performances e pinturas. Entre estes artistas estão: Keila Alaver (1970), Efrain Almeida (1964), Sandra Cinto (1968), Alex Flemming (1954), Rodrigo Cunha (1976), entre outros.

Apresentamos três artistas contemporâneas/os que utilizam a fotografia como recurso para construção de autorretratos: Keila Alaver, Albano Afonso e Cindy Sherman.

A artista Keila Alaver³ ao construir autorretratos, faz interferências em fotografias, causando certo estranhamento ao fazer montagens com imagens de cabeças de bonecas, fragmentando a identidade das crianças, em que os corpos destas aparecem, mas os rostos são substituídos pelas cabeças de bonecas (Imagem 1). Alaver “[...] realizou backlights (caixas de luz), com imagens trabalhadas em computador cuja fotografia se justapõe às imagens de outras crianças, todas transformadas em bonecos [...] realizando atos do cotidiano, como comer à mesa” (CANTON, 2001, p. 70).

³ Nasceu em Santo Antônio da Platina, PR, em 1970. A artista “sempre trabalhou com o tema autorretrato. Sua maneira de lidar com o autorretrato causa estranhamento e sensação de solidão, de artificialismo e de distanciamento que a sociedade contemporânea impinge a cada pessoa” (CANTON, 2001, p. 69).

IMAGEM 1 – KEILA ALAVER (KAREN, ELIANE, HENRY, KEILA, ELLEN, SANDRA E KELLEN), 1997.



Fonte: MAM, 2023.

O artista contemporâneo Albano Afonso⁴ faz montagens que misturam seus autorretratos com autorretratos de artistas, criando uma terceira imagem. Entre os artistas estão: Rembrandt, Velásquez, Tintoretto, Rubens, dentre outros. Na imagem 2, o autorretrato com Rubens.

IMAGEM 2 – SÉRIE RETRATOS- AUTORRETRATO COM RUBENS, PERFURADOR SOBRE FOTOGRAFIA, 2001.



Fonte: INHOTIM, 2023.

⁴ Nasceu em São Paulo, em 1964. Na série de autorretratos (2001) com mostra no Itaú Cultural, o artista afirmou em entrevista, que seu trabalho apresenta “três coisas muito presentes: a questão autobiográfica, a memória e a subjetividade” (ITAÚ CULTURAL, 2023).

Ainda sobre autorrepresentação contemporânea, uma das personalidades de destaque é a fotógrafa e artista plástica americana Cindy Sherman (1954). Desde o início de sua carreira, Sherman buscou uma forma muito específica de construir representações, com a utilização da câmera fotográfica, realiza performances visuais, nas quais interpreta personagens e os registra por meio da fotografia (Imagem 3). Modelo e fotógrafa das próprias encenações,

Sherman questiona, em parte, o conceito de autorretrato aplicado por vários críticos à sua produção: “Tento sempre distanciar-me o mais que posso nas fotografias. Embora, quem sabe, seja precisamente fazendo isso que eu crio um autorretrato, fazendo essas coisas totalmente loucas com esses personagens” (BRONFEN,1995 apud FABRIS, 2003, p. 62).

Ao longo dos anos, Sherman representou inúmeras personagens, nos mais diferentes papéis. Seu trabalho é todo constituído em séries fotográficas.

IMAGEM 3 – CINDY SHERMAN (UNTITLED #458. 2007–08).



Fonte: MOMA, 2023.

Em meio a tantos recursos tecnológicos a autorrepresentação se tornou algo comum no contexto contemporâneo. Os diferentes aparelhos de captação de imagens como: câmeras

digitais, *tablets*, *Smartphones*, entre outros, estão promovendo a captura da autoimagem ou do famoso *Selfie*. O acesso à internet e a exposição destas imagens nas redes sociais fazem parte do nosso cotidiano, assim como a propagação de imagens por meio das mídias, campanhas publicitárias, dentre outras.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na pós-modernidade, imagens da mídia e de consumo se apresentam frequentemente, influenciando-nos muitas vezes sem que possamos perceber. Nossas identidades vão se construindo e se modificando através das relações que estabelecemos com este universo visual e através da inter-relação com as outras pessoas.

Estabelecendo uma conexão de identidade com retrato e autorretrato na arte contemporânea, considera-se que a autorrepresentação é uma temática relevante para as/os artistas que buscam apresentar, de diversas formas, as representações identitárias em processo.

Para tanto foram apresentadas as produções de Keila Alaver, Albano Afonso e Cindy Sherman que trabalham com fragmentação de identidades a partir de intervenções fotográficas, hibridização de imagens e visualidades performáticas, buscando questionar a autorrepresentação fixa de suas imagens, causando um estranhamento no olhar do/a espectador/a. O aparato tecnológico da atualidade nos possibilita uma autorrepresentação por meio de *selfies* de forma instantânea promovendo aproximações com as produções artísticas contemporâneas.

REFERÊNCIAS

FABRIS, Annateresa. Cindy Sherman ou de alguns estereótipos cinematográficos e televisivos. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, 11(1): 61-70, jan-jun/2003. Disponível em <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2003000100004/8712> Acesso em 03 abr. 2023.

KAMINSKI, Evelyse. Consumo: uma construção identitária cultural na sociedade contemporânea. **Revista de Estudos da Comunicação**, Curitiba, v. 11, n. 24, p. 31-38, jan./abr. 2010. Disponível em <http://www2.pucpr.br/reol/pb/index.php/comunicacao?dd1=3860&dd99=view&dd98=pb> Acesso em 03 abr. 2023.

GIOIELLI, Rafael Luiz Pompeia. Do sólido ao líquido: novas pistas para compreender a identidade. **Novos Olhares**. Edição 16 - 2º semestre de 2005.

Disponível em <http://www.revistas.usp.br/novosolhares/article/view/51415/55482> Acesso em 03 abr. 2023.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 10 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

HERNÁNDEZ, Fernando. **Catadores da Cultura Visual** – proposta para uma nova narrativa educacional. Porto Alegre: Mediação, 2007.

INHOTIN. Albano Afonso: Série retratos, 2001. Disponível em <http://www.inhotim.org.br/inhotim/arte-contemporanea/obras/serie-retratos/> Acesso em 09 abr. 2023.

ITAÚ CULTURAL. Entrevista: Albano Afonso, Evento: Primeira Pessoa, 2006-2007. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=6-GeeFiCgXI> Acesso em 09 abr. 2023.

CANTON, Katia. **Novíssima arte brasileira: Um guia de tendências**. São Paulo: Iluminuras, 2000.

CANTON, Katia. **Espelho de artista: autorretrato**. São Paulo: Cosac Naify. 3ª ed. 3ª reimpressão. 2013.

MAM. Karen, Eliane, Henry, Keila, Ellen, Sandra e Kellen, 1997. Disponível em <http://mam.org.br/acervo/cm2006-183-alaver-keila/> Acesso em 09 abr. 2023.

MEDEIROS, João Luiz. Elementos de análise para a construção de identidades. in: MEDEIROS, João Luiz. (Org.) **Identities em Movimento: Nação, Cyberspaço, Ambientalismo e Religião no Brasil Contemporâneo**. Porto Alegre: Sulina, 2008. p. 27-62.

MOMA. Cindy Sherman. Untitled #458. 2007–08.

Disponível em

<http://www.moma.org/interactives/exhibitions/2012/cindysherman/gallery/3/#/3/untitled-458-2007-08/> Acesso em 09 abr. 2023.